



A FISIOTERAPIA COLETIVA COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO LONGITUDINAL NAS DOENÇAS CRÔNICAS ORTOPÉDICAS

Bruna Rita Barbosa Parreira

Centro de Estudos e Pesquisas Dr. João Amorim (CEJAM), Unidade Básica de Saúde Alto Da Riviera, SP, Brasil.

Eixo Temático: Saúde do adulto

Introdução

O SUS, criado através da lei 8.080/1990, dispõe sobre as condições de promoção, proteção, recuperação da saúde, organização e funcionamento dos serviços, atendendo de forma universal a todos os indivíduos. O fisioterapeuta que atua na Atenção Primária à saúde (APS), está inserido nesse contexto, atua principalmente, nas doenças crônicas ortopédicas através dos grupos de fisioterapia. Semanalmente, nos grupos de fisioterapia na UBS Alto Da Riviera são realizados exercícios terapêuticos que visam diminuir o quadro algico inflamatório dos pacientes e proporcionar melhora na qualidade de vida.

Objetivo

Avaliar o impacto do acompanhamento fisioterapêutico longitudinal em grupos na redução do quadro algico e na melhoria da qualidade de vida dos usuários, além de analisar o fluxo de alta e a resolutividade do serviço.

Métodos

O fluxo assistencial iniciou-se com a consulta médica na Atenção Primária à Saúde. Diante da indicação de intervenção fisioterapêutica, os pacientes foram encaminhados para a consulta inicial. Nesta etapa, foram mensuradas a intensidade da dor, por meio da Escala Visual Analógica (EVA), e a amplitude de movimento (ADM) ativa. Os indivíduos que preencheram os critérios de elegibilidade estabelecidos, foram inseridos no grupo de fisioterapia; Aqueles que não atenderam, foram referenciados para a atenção secundária. A intervenção baseou-se em 10 sessões semanais de cinesioterapia, treino de marcha, equilíbrio e propriocepção. Após o término, foram reavaliados; Os participantes que evoluíram com redução do quadro algico e ganho de mobilidade articular receberam alta do programa e foram estimulados à prática de atividades físicas regulares; Em contrapartida, os que não apresentaram resposta terapêutica satisfatória, repetiram o ciclo e, persistindo as queixas, foram contra referenciados para consulta médica para novos desdobramentos clínicos.

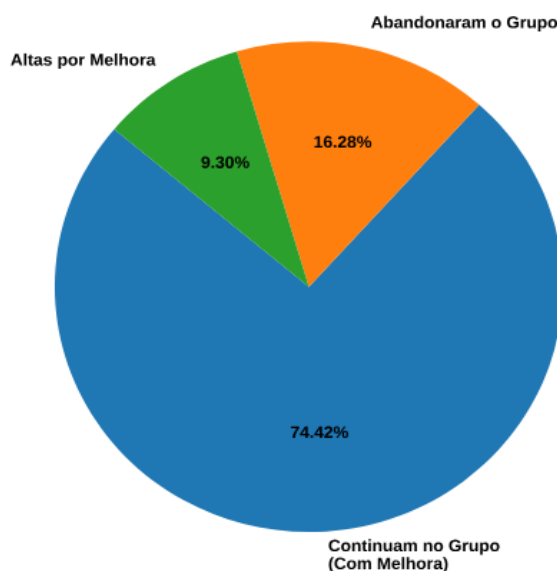
Conclusão

O elevado índice de permanência dos indivíduos nos grupos de fisioterapia e a escassez de altas clínicas não traduzem a ineficácia do tratamento, mas sim uma retenção voluntária na busca por segurança terapêutica; Esse fenômeno resulta no estrangulamento da agenda, compromete a rotatividade de vagas e obstrui o ingresso de novos pacientes. Conclui-se, que o grupo transcende a mera intervenção de reabilitação física, consolidando-se como uma essencial rede de suporte psicossocial e de caráter preventivo.

Resultados

A análise dos dados revela um cenário clínico altamente expressivo diante dos 43 pacientes avaliados: 74,42% da amostra (32 pacientes) recusam-se a receber alta, permanecendo no grupo de fisioterapia crônica mesmo após atingirem melhora clínica palpável. A alta por melhora clínica aponta 9,30% da amostra, (apenas 4 pacientes), refletindo entendimento por poucos pacientes que, após ganho terapêutico, deve-se finalizar o ciclo de sessões no grupo e aderir atividade física permanente no dia a dia. Já a taxa de abandono (16,28%) no índice de (7 pacientes), está dentro da média esperada para grupos de longa duração, podendo ser apontado diversos fatores para não adesão aos grupos como: incompatibilidade de horários, indisponibilidade devido atividade laboral ou déficit em realizar atividades coletivas.

Distribuição Atual dos 43 Pacientes Avaliados (Desde Abril 2026)



Acesse o trabalho na íntegra!

